

3 + 1

A Múmia e o Astronauta

JORGE QUEIROZ

10.03.17 - 22.04.17

INAUGURAÇÃO 10.03.17, 19h-22h

O título da exposição que Jorge Queiroz apresenta na Galeria 3+1 aponta para a relação entre algo que se afasta no tempo e algo que se junta na origem. “A Múmia e o Astronauta” remete-nos simultaneamente para a forma de mensurar o mundo, onde se afirma a distância entre um passado remoto e o momento actual, e para a natureza de quem o mensura, onde se percebe a igualdade na condição humana. Deste modo, utilizando a diferença para salientar a semelhança, o título é não só o nome de algumas das obras que são apresentadas, como é também uma aproximação ao seu processo de trabalho e à forma como o autor concebe a exposição.

Jorge Queiroz seleciona um grupo de trabalhos de diferentes períodos, meios e formatos, e ordena-os de uma outra maneira no espaço da galeria. As obras distribuem-se por dois pisos e assumem, na sua posição e convivência, um conjunto de inesperadas proximidades. Criando uma outra teia de relações, estas obras articulam-se pelo modo como o material é empregue, pela forma como reage, mas também pelo processo como as imagens se definem, comportam, e sugestionam a remota possibilidade de uma qualquer narrativa.

Apesar de podermos encontrar várias situações recorrentes, importa referir que não é pelo lado formal que estas imagens verdadeiramente se ligam. Ligam-se sim pela pesquisa que lhes está subjacente e que, de forma intrínseca, traduz a inquietação que lhes é inerente.

Naquilo que Jorge Queiroz faz reconhecemos a insinuação de gestos, figuras, estórias e espaços, mas é sobretudo pela maneira como estas presenças se fundem, ou verdadeiramente se constituem, que se delinea um mesmo campo de trabalho. Um campo de incertezas, avanços e recuos, onde se esbate qualquer possibilidade de hierarquia e permanência.

É, por exemplo, quando o fundo e a figura se confundem, quando o espaço e a personagem se intercalam, ou quando a cor e a sua ausência se invertem, que encontramos o equilíbrio fugaz em que as obras residem. E é também na indefinição do suporte e do material, quando se junta o desenho e a pintura, na variação de tempos e tamanhos diferentes, e na adulteração de uma escala que vacila entre o todo e o pormenor, que reconhecemos esse mesmo espírito.

Neste imaginário muito próprio, o que prevalece é um movimento de construção e desconstrução de referências. E é desta forma que o seu trabalho é um exercício de sugestão, onde se ensaiam pistas, evitam certezas e se aponta uma identidade que não se quer estabilizar. Então, mais do que ambicionar concluir ou fechar alguma coisa, seja o nomear de um tema, o figurar de uma composição, ou o classificar de um acto, o que Jorge Queiroz promove é, de forma aberta, um exercício de procura. Uma procura que não diz respeito apenas à obra e ao artista, passando também para o observador.

Se nos focarmos no processo do “fazer”, atentos à obra e ao artista, percebemos que essa procura é algo que vive da delicada gestão entre aquilo que o autor escolhe, aquilo que ele rejeita, e aquilo que simplesmente acontece. Ou seja, a gestão de um lugar incerto, entre a vontade de agir e um tempo de aceitar.

Se nos focarmos no “olhar”, atentos à obra e ao observador, percebemos que essa procura é algo que vem do livre percurso que fazemos pela imagem. Um trajecto solto de regras, códigos e instruções, que nos permite deambular pelas manchas, pelas cores, pelos espaços e pelas figuras, mas que, na verdade, é fruto de uma observação atenta, seduzida pela incerteza do que se encontra.

Dir-se-ia que o artista trabalha com uma sucessão de etapas que, não sendo linear ou sequencial, é feita de avanços e recuos, de acções e contenções, de acordo com o que cada obra pede. De igual modo, não sendo linear ou sequencial, o observador é guiado pelo impulso de ver e, nesse impulso, descobre uma existência que é revelada e escondida ao mesmo tempo.

Todos estes trabalhos descortinam-se por camadas e têm um carácter cumulativo. Depõe-se a matéria e inscreve-se um registo ao mesmo tempo que se intercalam, cruzam e atravessam referências que densificam e diluem a imagem.

3 + 1

Este processo responde a uma sedimentação gradual, onde convergem alusões que vêm da esfera da Arte, da Escrita, da História, mas também de outros campos. Tome-se o exemplo das obras que convocam Walt Whitman e Hugo Ball, ou atente-se à maneira como por vezes a tinta é empregue, conduzindo-nos a um tempo histórico, ou a uma ambiência de época que facilmente poderíamos situar, mas que rapidamente se desvanece. Neste último caso, veja-se a maneira como em alguns dos trabalhos de maior dimensão, a sobreposição de cores desfaz uma ideia de fundo e as figuras, que aparentam proximidade a um suposto universo surreal, perdem o seu vínculo e transformam-se em personagens errantes de um tempo incerto.

Os ambientes constroem-se de espaços disformes, entre um apontamento de paisagem e um fragmento de arquitectura, e são pontualmente ocupados por figuras hesitantes, que emergem do fundo e nos puxam para dentro e fora da imagem. Algures entre o que se vê e o que se efabula, entre a figuração e a abstracção, todas estas entidades encontram-se em estado de mudança. E na sua mudança, constroem um palimpsesto de ecos e reminiscências que funciona em profundidade e que nos convida a deslindar o que se encontra mais além. Como que num tempo suspenso, onde a presença de qualquer coisa vagamente familiar, ou eventualmente passada, anuncia a vontade de perscrutar qualquer coisa desconhecida, ou eventualmente futura.

Funcionando como uma espécie de sonho, o trabalho de Jorge Queiroz tem a capacidade de envolver o observador e de, gradualmente, colocá-lo num lugar que se faz e desfaz com o movimento do olhar. A forma como nos alicia tem que ver com uma estratégia de sedução, ou com o que as imagens prometem e deixam por dizer. Promovendo, assim, um olhar imersivo, que escrutina a densidade das figuras, dos espaços e dos ambientes que encontra.

Trata-se, então, da gestão de um equilíbrio próprio, predominantemente empírico, que vai surgindo e que é perseguido até ao ponto em que a obra se dá por terminada, mas que continua na experiência do observador. Aqui, as imagens não são o que retêm, mas o que potenciam, e as obras, em boa verdade, são como dispositivos que fomentam o olhar, simultaneamente inquieto e contemplativo, de quem as vê.

A articulação das obras com o espaço da galeria desenvolve-se em conformidade com este espírito. A disposição do conjunto e a proximidade entre trabalhos, constrói uma outra agregação de camadas e sentidos que reforça a lógica inerente de cada obra. Veja-se o caso curioso dos dois pequenos desenhos de canto que, pela sua configuração, conformam um espaço que já não é apenas o do suporte, para também passar a ser o do vazio que confinam. Nesses desenhos, o lugar que Jorge Queiroz ensaia, extravasa o papel e constrói-se com o espaço que próprio canto gera.

Do trabalho de Jorge Queiroz, pode então dizer-se que, não havendo um método para a sua leitura e execução, nem uma regra para o seu entendimento, há sim uma experiência que se funda na busca e no encontro, na intuição e no reconhecimento.

As obras são então gatilhos para a construção de algo que também parte do observador. Nesse sentido são peças abertas, que não se fecham sobre uma única leitura e reclamam o envolvimento de quem vê. Há então uma forma de seduzir o olhar, que convida à nossa atenção e ao nosso envolvimento. E as obras são, assim, enunciados de várias hipóteses, onde a desterritorialização a que incitam, questiona a natureza do que é produzir e do que é olhar.

Sérgio Fazenda Rodrigues
2017.03.06 Lisboa